

Governo americano pode rebaixar dívida

Washington — Com os representantes dos bancos e do Governo brasileiro envolvidos numa corrida contra o relógio, em Nova Iorque, para chegar a um acordo sobre o pagamento de mais de oito bilhões de dólares de juros atrasados, a comissão do governo dos Estados Unidos encarregada de avaliar a qualidade dos empréstimos internacionais dos bancos americanos, examinou ontem o caso brasileiro.

Fontes financeiras emitiram na terça sinais contraditórios sobre as chances de um acordo. “Estamos chegando ao ponto em que se alguma coisa não acontecer teremos de interromper as conversas”, disse uma fonte do comitê. Executivos familiarizados com as negociações indicaram, no entanto, que as duas partes estão fazendo um esforço para aproximar suas posições e disseram que o

acordo pode sair nos próximos dias. O negociador oficial, embaixador Jório Dauster, tem ordens de permanecer em Nova Iorque até que o entendimento seja alcançado.

Nos meios financeiros não há dúvida de que os nove funcionários que compõem a comissão, conhecida pela sigla Icerc (Interagency Country Exposure Risk Committee), recomendarão uma reclassificação dos créditos de médio e longo prazos ao Brasil, que não rendem juros desde 1989.

Mas a recomendação poderá não ser atacada por seus superiores, se o Brasil e os bancos chegarem a um acordo. A decisão final será comunicada diretamente aos bancos, depois da palavra final do secretário do Tesouro, Nicholas Brady, do presidente do Federal Reserve Board, Alan Greenspan, e do presidente da

Federal Deposit Insurance Corporation, William Seidan.

Em julho do ano passado eles instruíram os bancos a registrar 20 por cento de seus ativos brasileiros na coluna das perdas. Os bancos americanos detêm cerca de um terço dos 50 bilhões de dólares da dívida externa do País a credores privados e esperam que um acordo sobre os atrasados, devidamente festejado em público por ambas as partes, convença as autoridades a adiar um novo registro mandatório de perdas. A moratória brasileira não é a causa da atual instabilidade no setor bancário americano mas há, entre os reguladores, quem defenda um tratamento espartano dos empréstimos inadimplentes. Apesar disso, acredita-se que Washington não aumentará a pressão sobre o capital dos bancos, com uma nova reclassificação, se puder evitá-la.